

REPORTAGEM ESPECIAL

Para Agas, setor supermercadista está se reconstruindo no Rio Grande do Sul

O setor de supermercados do Rio Grande do Sul superou a crise das enchentes não sem traumas, já que 15% das lojas afetadas

pelos cheias não deverão reabrir suas portas, mas com o exemplo da capacidade regenerativa dos gaúchos.



EVANDRO OLIVEIRA/JC

Entidade deflagrou a campanha Ajuda Sul, mapeando empresas atingidas, conta Longo

Fundamentais no abastecimento de itens básicos à população, esses estabelecimentos funcionam como termômetro do nível de tensão da sociedade.

A regularização das atividades rapidamente, mesmo diante de muitos gargalos logísticos e estradas fechadas, foi fundamental. Para Antônio Cesa Longo, presidente da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), a Expoagas 2024 marcou a virada de chave para a superação não apenas de supermercados, como de produtores, distribuidores e indústrias ligadas ao varejo. “Com crescimento de 8% nas negociações deste evento, o setor mostrou que está se reconstruindo”, afirma, em referência à feira realizada em agosto, mais de 100 dias

após o maior desastre climático da história do Estado.

Segundo a entidade, 331 supermercados foram afetados diretamente pela enchente de maio. Para o enfrentamento da crise, a Agas deflagrou a campanha Ajuda Sul, a partir do mapeamento de 661 empresas de diferentes segmentos atingidas pelas cheias.

Associando-se a outras instituições e empresas do setor supermercadista, a entidade esteve envolvida com ações como a fabricação e entrega de 20 casas na região de Arroio do Meio, a aquisição de um drone pelo qual o Corpo de Bombeiros salvou vidas, a doação de mais de 20 mil embalagens para marmitas, 14 mil cestas básicas, 7 mil kits de limpeza e 6 mil cobertores, além de

ações pontuais em regiões mais afetadas.

Como forma de apoiar o consumidor e o comércio, a Agas também está promovendo a distribuição de R\$ 1,5 milhão em vale-compras para supermercados sortearem ou distribuírem a clientes.

Segundo Longo, a entidade também se movimenta, junto ao governo, para apoiar empresas que não conseguiram acessar recursos de reconstrução. E ainda há problemas a serem superados. “Os principais são logísticos, com estradas prejudicadas, pontes ainda não reconstruídas”, relembra. “O Trensurb parcialmente inoperante e o aeroporto da Capital sem utilização, também. Precisamos reconstruir a malha logística para a reconstrução”, conclui.

Fetransul vê um extenso caminho pela frente

Os níveis de resiliência exigidos estão entre os mais altos para os gaúchos que atuam no segmento de logística e transporte de cargas. Não se reconstrói uma ponte rapidamente, reconhece Francisco Cardoso, presidente da Federação das Empresas de Logística e Transporte de Cargas no Rio Grande do Sul (Fetransul). “Sabemos que a recomposição plena da infraestrutura rodoviária obedece a um ritmo diferente, mesmo na condição emergencial. Temos um extenso caminho pela frente”, sentença.

O dirigente afirma que a resiliência também se impõe frente a uma realidade de escassez de crédito para investir na recuperação. “Os fartos recursos anunciados pelo governo federal não ficaram disponíveis para a maioria dos setores, inclusive o nosso. Exigências desmedidas às circunstâncias

dificultaram o acesso ao crédito. A restrição à chamada ‘mancha de inundação’ igualmente desconsiderou a dinamicidade de nossa atividade econômica”, observa.

A saída encontrada pelo setor foi se adequar aos ritmos diferentes impostos a cada situação particular, reagindo à medida que os fatos iam se revelando. A expectativa é de que a recomposição plena se dê a médio prazo. Na atualidade, empresas que sofreram perdas materiais estão reconstruindo, renovando, negociando indenizações com as seguradoras. Algumas estavam melhor preparadas do que outras. “Mas não temos conhecimento de organizações que tenham falido ou desistido de continuar”, observa.

Um número considerável de transportadoras perdeu veículos e teve seus terminais alagados durante o ápice do desastre climático.

Uma das primeiras iniciativas da federação foi criar um grupo, o Fetransul Solidariedade, reunindo as principais lideranças do setor e grandes empresários. Ali eram trocadas informações e combinadas ações de apoio às comunidades. Ao tomarem conhecimento dessa organização, as autoridades passaram a demandar abastecimento de roupas, alimentos, colchões, água etc, inclusive vindos de fora do Estado.

“Realizamos cerca de 3 mil carregamentos de cargas para cidades inundadas. Muitas foram trazidas de outros estados. Tivemos oferta de abastecimento de água mineral até do Piauí. Foi uma imensa logística, toda ela feita em nome da solidariedade”, recorda Cardoso.

A entidade, por meio de uma equipe em home office, também



TÂNIA MEINERZ/JC

Francisco Cardoso cita o Fetransul Solidariedade, grupo que ajudou autoridades

centralizou informações sobre bloqueios de rodovias, servindo de referência para a imprensa informar sobre a ameaça de falta de abastecimento. “Uns 45 dias após o início da enchente, saímos da etapa da solidariedade no abastecimento das comunidades e passamos a

nos engajar em ações públicas com as demais entidades empresariais, com o meio político e os governos federal e estadual. Passamos a integrar comitês públicos de reconstrução. Continuaremos nesta linha para dar voz ao setor perante as autoridades”, afirma o dirigente.

Com esforço e união, Sindiatacadistas relata recomposição acima da expectativa



MARCO QUINTANA/JC

Hartmann comenta que setor teve de fazer série de alterações em rotinas de trabalho

Sirvam nossas façanhas de modelo a toda Terra. Este verso do Hino Rio-grandense ilustra com propriedade cenas testemunhadas no universo atacadista do Estado. “O que mais impressionou foi o esforço e a união do empresário e suas equipes de colaboradores, buscando colocar o negócio novamente em operação, envolvendo desde a mobilização para a limpeza”, afirma Luiz Henrique Hartmann, vice-presidente do Sindiatacadistas RS.

Segundo o dirigente, sem esse engajamento espontâneo, nada seria possível, porque até um mês após o ápice do desastre vários atacadistas enfrentavam problemas

sérios, mesmo com a baixa das águas, como falta de internet e de energia elétrica, impedindo a emissão de notas fiscais. “A capacidade de recomposição do segmento está acima da expectativa, mas foi difícil, e ainda temos associados que estão sofrendo consequências bastante significativas”, observa.

O dirigente se refere, especialmente, às dificuldades de logística e à necessidade de recursos financeiros a custos baixos e prazos estendidos para que a capacidade de operação retorne aos seus patamares. “As linhas de financiamento oferecidas pelo governo, na prática, nem sempre chegam a quem

necessita de fato”, afirma. Por isso, é prioridade na entidade buscar junto ao BNDES e agentes financiadores melhores condições. Em julho, o presidente da entidade, Zildo De Marchi, projetou que de 40% a 50% das empresas tiveram algum prejuízo, direto ou indireto.

Outro ponto-chave, as relações de trabalho precisavam de todo um reordenamento. As sete entidades sindicais empresariais do comércio atacadista se anteciparam ao governo federal e adotaram regras que buscassem atender as diversas situações enfrentadas por empregados e empresários por meio de acordo com sindicatos laborais.